

Contexto



PASTORAL

ANO VII • Nº 37

Missão é partilha

Páginas 5 a 8

O pedagogo da esperança

No dia 2 de maio, faleceu Paulo Freire, importante pensador no campo de educação popular. O teólogo alemão, Konrad Raiser, secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas, a quem Freire assessorou, presta uma homenagem ao educador. Página 12



Editorial

Muito além do proselitismo

Sempre que se ouve falar em missionário, a primeira imagem que surge é a daquela pessoa, geralmente homem, que sai de sua terra de origem, sozinho ou acompanhado da família, e vai para um lugar diferente disseminar o Evangelho ou mesmo fundar igrejas. Nossa história evangélica está recheada de exemplos, como os metodistas, batistas e presbiterianos, principalmente, cujo trabalho teve início no Brasil graças a missionários que aqui chegaram a fim de estabelecer raízes denominacionais. Na Igreja Católica, os jesuítas e outras ordens religiosas também constituem exemplos claros dessa dimensão missionária.

Com algumas exceções — que existiram e continuam a existir —, por diversas vezes a tarefa de fazer missão não significou benefícios ao público alcançado pela mensagem. Ao contrário, resultou em perseguições, mortes, genocídio cultural e mesmo destruição de valores religiosos considerados “bárbaros” pelos missionários — os povos indígenas que o digam.

No processo de evangelização, empreendido por certas igrejas evangélicas hoje, a tarefa missionária, muitas vezes se apresenta extremamente proselitista e exageradamente conversionista, talvez justificada pela compulsão ao crescimento numérico. O resultado da missão é medido em termos unicamente quantitativos e o missionário é avaliado nessa perspectiva.

Missão, com certeza, é mais do que isso. Em um mundo marcado pelo pluralismo religioso, com o surgimento e fortalecimento de novos movimentos — com a reemergência da religiosidade indígena e afro —, a única saída bíblica e teologicamente responsável é a cooperação ecumênica, defende o teólogo luterano e presidente do Conselho Latino-Americano de Igrejas (Clai), Walter Altmann. Para o pastor metodista Ruy Josgrilberg, “a Igreja abre-se a uma nova abrangência de pessoas, de culturas, de expressões de fé, e não há mais espaço, dentro de uma fidelidade viva e consciente, para o proselitismo”. Ele vai mais longe: a evangelização implica em uma nova atitude, isto é, assumir o diálogo com outras expressões religiosas. “Deus não condiciona sua graça a nenhuma pureza religiosa prévia”, destaca.

Tudo isso motiva CONTEXTO PASTORAL a refletir sobre o tema, tão atual e provocador. Além de duas análises interessantes, são apresentados diversos depoimentos sobre de que forma e onde a missão se dá. Acreditamos que ela acontece em todos os lugares e momentos em que a Palavra de Deus é anunciada, o que pressupõe a denúncia dos valores antívicos imperantes em nossa realidade, e o anúncio da justiça, da esperança, da igualdade e da solidariedade, sinais inequívocos da presença divina. Boa leitura!

Cartas



Projeto gráfico-editorial

A mudança gráfica transformou o CONTEXTO PASTORAL de um jornalzinho descartável num periódico mais durável. Suponho que com isso mude também a atitude do leitor que transfere a leitura do banheiro para a mesa de estudos.

A proposta editorial é muito boa. Tanto em relação às diversas seções (opinião, entrevista, análise, debate, bíblia, liturgia, idéias,...) como em relação à intenção de favorecer a participação dos leitores.

Tenho duas críticas a fazer, ou digamos, sugestões:

1. Em relação à arte. Os desenhos são muito cafonas. São “anônimos”, devido a estereótipos ultrapassados.

As fotografias também não adicionam nada: aquelas platéias conhecidas ou grupinhos de debate. Só valem para as pessoas retratadas nelas. Seria interessante ter uma arte que ilustra e ilumina com vigor próprio, visão própria, linguagem própria de um artista que por isso não deixa de sintonizar com a linha editorial.

2. Em relação aos conteúdos. Penso que nós cristãos sofremos de um maniqueísmo de bons e maus. Claro que nós somos os bonzinhos ou estamos com eles, sempre vítimas, crucificadas pelos maus. É uma melodia básica das nossas análises e visões, nas quais só muda a letra. Do binômio pobre e rico para empobrecido e opressor e, ultimamente, para excluído e neoliberal. Não nego as mudanças na realidade socioeconômica que justificam esta terminologia. Critico a eterna ladainha de lamento e a visão unilateral que só fazem paralisar o resquício de esperança que a gente talvez ainda tenha. Parece até que é um canto mais de homens do que de mulheres (conferir os autores na bibliografia indicada).

Para mudar isto valem a última parte do artigo de Claudio Ribeiro e a linguagem poética e visão de Milton Schwantes que a meu ver procuram enxergar o poder das pessoas expresso no seu cotidiano e o potencializam em intervenções diversas.

Roberto van der Ploeg
Olinda/PE

Foi uma surpresa e tanto receber CONTEXTO PASTORAL com nova cara e comunicação mais aprimorada. Quero parabenizar a equipe pela boa qualidade jornalística que inclui o estilo da apresentação. As ilustrações, como aquela que foi usada na capa (janeiro-fevereiro/97), são bastante sugestivas, a ponto de despertar o interesse das pessoas pouco habituadas à leitura, enquanto que para outras elas reacendem o imprescindível senso de humor. As sugestões para celebrações são ótimas, desde que cheguem com antecedência.

Quem vive na Amazônia e gosta de partilhar “as boas” coisas com outras pessoas, costuma guardar o CONTEXTO PASTORAL, para servir de subsídio aos agentes das mais diversas igrejas. Guardar papel, porém, é extremamente difícil quando a umidade é constante e o apetite dos eternos cupins tem uma predileção por papel reciclado, do tipo jornal comum. O tipo de papel usado agora é bem resistente e acredito que vai facilitar a conservação.

Com um grande abraço para toda a equipe,

Rosa Marga Rothe

Instituto Universidade Popular – UNIPOP/ Belém/PA

Clonagem

Nos últimos dias em todos os lugares podem-se ouvir comentários sobre as recentes experiências de clonagem de seres vivos. Tornou-se afamada no mundo inteiro a ovelha Dolly. Essa ovelha é resultado do processo de clonagem feita pela equipe do Dr. Ivan Wilmut, da Escócia.

O que, afinal, é clonagem? No dicionário Aurélio lemos a seguinte explicação sucinta: “Introdução de um fragmento do material genético de uma célula em outra célula que passa a possuir e a multiplicar a informação genética contida no fragmento introduzido.”

Fato é que esta experiência bem-sucedida da colagem de uma ovelha, de um ou de outro modo, mexeu com todo mundo. Muita gente ficou perplexa. Crentes de todos os matizes ficaram extremamente assustados. Será o ser humano capaz de produzir cópias dele mesmo? Deus é o Criador. Exclusivamente ele! Isto é confissão central de fé. E agora? Outros logo imaginaram a clonagem de homens e mulheres especialmente bonitos e importantes. E a possibilidade de produzir ditadores em série? Outra coisa: Finalmente será possível conseguir raças humanas puras. Conhecemos esse sonho e seus resultados! Jornais publicaram pesquisas de opinião sobre quais as personalidades do mundo da política, da ciência, do esporte e da arte que o povo gostaria de ver clonadas. E quais as figuras de destaque que jamais deveriam ter cópia alguma. E ainda, isso não podia faltar, surgiram muitas anedotas em torno do assunto.

Todo esse alvoroço é compreensível. Quando se mexe com a vida humana, acontece, ainda bem, um estremeamento geral. Vieram as reações: A Organização Mundial de Saúde (OMS) diz que clonagem humana é inaceitável do ponto de vista ético. O Parlamento Europeu defende a mesma posição, o Papa manifestou sua preocupação e conclamou os dirigentes dos países do mundo inteiro a proibirem a clonagem de seres humanos. No Brasil fazer cópias de seres humanos — mesmo nos laboratórios mais sofisticados e com todas as condições de saúde e segurança — está proibido e pode até dar 20 anos de prisão.

Mas, o que temos a dizer como igrejas? O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) ainda não fez um pronunciamento oficial. Arrisco, no entanto, uma provisória posição pessoal.

1. Não há razão para desespero. Deve-se ter em mente que a ciência, através desse processo, pode cooperar na busca de alternativas para aumentar a oferta de alimentos para o futuro. Alcançar melhoramento genético de plantas e animais é algo positivo. A técnica da clonagem pode ser útil também para fins médicos.

2. Devemos buscar o diálogo com a ciência para que não façamos afirmações precipitadas e irresponsáveis. Podemos, neste diálogo, contribuir para formular critérios éticos a fim de que a ciência seja realmente colocada a serviço da vida. “O avanço da biogenética urge que seja acompanhado por avanços da biotécnica” (Dom Demétrio Valentini, CNBB). Jesus Cristo veio ao mundo para que todos tenham vida e a tenham em abundância (Evangelho segundo João, cap.10). Devemos, como igrejas, alertar os cientistas para a obrigação que têm de colocar os avanços das suas descobertas a serviço da vida em abundância.

3. É necessário, sempre de novo, reafirmar que Deus é o Criador. O ser humano não passa de co-criador criado.

No meu entender, as igrejas do CONIC devem ter a serenidade de ver os aspectos positivos da técnica da clonagem para a humanidade, mas ao mesmo tempo, dizer um sério e decidido “não” à clonagem humana.

Ervin Schmidt

Secretário-executivo do CONIC
Brasília/DF

Aos leitores

Este espaço é destinado para opiniões, críticas, sugestões e reações aos artigos e matérias publicadas pelo jornal. Participem! As cartas para CONTEXTO PASTORAL devem ser endereçadas para: Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22211-230, Rio de Janeiro, RJ. Internet: koinos@ax.apc.org.

Contexto PASTORAL

Publicação bimestral de
**KOINONIA Presença
Ecumênica e Serviço**

Número 37 Março/abril de
1997 Ano VII

Rua Santo Amaro, 129
22211-230
Rio de Janeiro/RJ
Tel. 021-224-6713
e fax 021-221-3016

CONSELHO EDITORIAL
José Bittencourt Filho
Lúcia Leiga de Oliveira
Tânia Mara Sampaio
Rafael Soares de Oliveira

EDITOR
Paulo Roberto Salles Garcia
(MTb 18.481)

EDITORES ASSISTENTES
Jethier Pereira Ramalho
Magali do Nascimento Cunha

DIAGRAMADORA
Anita Slade

DIGITADORA
Mara Lúcia Martins

FOTOLITO E IMPRESSÃO
Tipológica Comunicação
Integrada

Tiragem
10 mil exemplares

Preço do exemplar avulso
R\$ 3,00

Assinatura anual
R\$ 12,00

Assinatura de apoio
R\$ 18,00

Exterior
US\$ 18,00

Os artigos assinados
não refletem necessariamente
a opinião do jornal.

